

Poder, dever, querer e a arte de escolher

Os modais e as escolhas - uma perspectiva linguística.

ESCRITO POR

Luiza Andrade Gomes Godoy
doutora em Linguística e
pesquisa como o significado
dos verbos revelam a nossa
compreensão do mundo.



Entre em contato:
luisa.godoy@ufvjm.edu.br

A atual polêmica sobre a obrigatoriedade da vacinação é muitas vezes apresentada usando-se as palavras *dever* e *querer*. Ouvimos coisas como “eu não quero”, “eu acho que não devo”, “ninguém pode me obrigar”. Pensando de outra forma, vacinar-se, isto é, proteger-se de doenças fatais, é um direito, não um dever. Assim, talvez seja pertinente tratar do tema usando o verbo *querer*. Neste texto, veremos como a lógica dos chamados “verbos modais” pode esclarecer essa polêmica, além de lançar luz sobre a ideia geral das escolhas, com as quais sempre temos de lidar. E, quem sabe, os modais podem até nos ajudar a fazê-las.

Modais – o que são?

Minha professora costumava pedir para que eu modalizasse a minha escrita, que não fosse tão assertiva. O que ela queria dizer com “modalizar” era imprimir uma atitude mais ponderada nas frases, para não soarem como verdades universais ou generalizações fortes demais. Eu dizia “Isso é assim”, e ela sugeria “Isso parece ser assim”.

Pois bem, existem palavras e expressões (como parece, na frase acima) cuja função é justamente modalizar. Há diversos tipos de modalizadores, mas vamos nos ater aos chamados “verbos modais”, em específico os verbos poder, dever e querer, que compõem a tríade clássica da modalização verbal – é importante lembrar que uma forma muito usada para modalizar em português é *ter de* ou *ter que*, que é intercambiável ora por *dever*, ora por *poder*, mas vamos nos ater aos três verbos mencionados.

Trata-se de verbos chamados “auxiliares”, pois carregam as flexões do verbo principal (quando o verbo principal vem acompanhado de um auxiliar, ele não flexiona). Por exemplo, na frase *Eu vou escrever*, há uma perífrase verbal, com o verbo auxiliar *vou* carregando as flexões de pessoa (primeira) e tempo (presente) para o verbo principal *escrever*. Da mesma forma, na frase *Eu posso escrever*, o verbo *posso* carrega as flexões que seriam atribuídas ao verbo principal. Nas duas frases, *vou*, do verbo *ir*, e *posso*, do verbo *poder*, são auxiliares. Enquanto a perífrase com *ir* significa simplesmente tempo futuro, a perífrase com *poder* relativiza o evento descrito pelo verbo principal (não se sabe ao certo se ele vai mesmo acontecer). Ou seja, dentre os dois verbos auxiliares, *ir* e *poder*, apenas o segundo é modal.

Significado de poder, dever e querer

Observe intuitivamente a diferença entre dizer *Eu posso escrever*, *Eu devo escrever* e *Eu quero escrever*. Nos três casos, existe algum tipo de relativização, o que chamamos de “modalização”, da afirmação básica que é *Eu escrevo*.

Os modais deram trabalho para os antigos filósofos da linguagem, que tinham concebido uma maneira de estudar o significado das frases verificando o que se chama de “valor de verdade”, isto é, pensar que configuração de mundo é necessária para que a sentença seja verdadeira. Para dar um exemplo, vamos verificar o valor de verdade da frase *Eu escrevo*: se eu de fato escrever, a frase é verdadeira, se eu não escrever, a frase é falsa. Parece uma obviedade, mas na prática é uma boa forma de estudar o significado.

Porém, essa maneira de estudar semântica não se aplicava aos modais. Como verificar o valor de verdade da frase *Eu posso escrever*? Se eu escrever, a frase é verdadeira. Se eu não escrever, ela também pode ser verdadeira! Afinal, ela descreve uma possibilidade, capacidade ou permissão – e não um fato.

E assim são os modais. Eles *modalizam* as verdades, ou os fatos, transformando-os em possibilidades, projetos, prerrogativas, vontades. Modais falam de leis e de probabilidades.

Para lidar com os modais, então, os filósofos criaram a ideia curiosa (e poética) dos “mundos possíveis”. Usando esse conceito para interpretar a frase *Eu posso escrever*, pensamos em infinitos mundos, cada um contendo uma possibilidade diferente. Em pelo menos um desses mundos, eu de fato escrevo.

Mais sobre os modais

Os verbos modais podem ser ambíguos. Quando eu digo *Eu posso escrever*, isso significa, de um lado, que me é permitido escrever e, de outro, que é possível que eu escreva. A primeira interpretação fica mais clara quando a gente completa a frase com: *Eu posso escrever – se eu quiser*. A segunda fica nítida com: *Eu posso escrever – se você precisar*. Veja que na primeira estou declarando uma permissão, e na segunda, uma ação futura que pode ou não acontecer.

O verbo *poder* tem ainda uma terceira interpretação: “*Eu posso escrever, gritou o aluno recém alfabetizado!*” Nessa frase, *poder* significa *conseguir*.

O verbo *dever* também carrega a ambiguidade entre descrever uma lei ou uma probabilidade. Na frase *Eu devo escrever*, posso estar falando de uma obrigação ou de uma intenção para um projeto futuro. Pensemos contextos imaginários que vão disparar cada uma das leituras. Na frase *Eu devo escrever um relatório para ganhar a bolsa*, expresse uma obrigação de escrever; já na frase *Eu devo escrever uma resposta mais tarde, agradecendo as mensagens de parabenização*, expresse uma intenção de escrever.

Quando *poder* e *dever* descrevem direitos e deveres, recebem uma interpretação que se chama “deôntica”. Exemplos: *Você pode ir e vir*; *Você deve respeitar a outra pessoa*. Mas quando esses verbos projetam as possibilidades ou probabilidades de acontecimentos futuros, recebem uma interpretação chamada “epistêmica”. Exemplos: *Pode chover hoje*; *Deve chover hoje*.

O verbo *querer* é um pouco diferente dos outros dois, tanto na construção das frases quanto na interpretação. Nas frases, ele permite sem complicações um complemento nominal, como em *Eu quero um sorvete*. Com *poder* e *dever*, o complemento nominal não é tão natural. A frase *Eu posso um sorvete* parece ocultar um verbo dentro dela (comer, consumir, comprar etc).

E a frase *Eu devo um sorvete* só pode ser interpretada em uma outra acepção do verbo *dever*, a de “ter uma dívida”, na qual ele não é modal, justamente por não ser auxiliar – note que nessa frase ficaria implícita ou faltante a informação da pessoa a quem eu devo o sorvete, ou seja, a própria transitividade do verbo *dever*, nessa outra acepção, é diferente.

Seja como for, a semântica de *querer* também difere de *poder* e *dever*: só há a interpretação deontica. A frase *Eu quero escrever* só tem uma interpretação: a da vontade.

Pode, deve ou quer?

O conhecimento da lógica desses modais pode nos ajudar a tomar decisões. Sugiro o teste da sequência dos três verbos: primeiro, avalie o PODER, depois o DEVER e por último o QUERER.

Se você está diante de dois caminhos, então você PODE escolher qual seguir. Pode ir por aqui e pode ir por lá. Nesse caso, tanto a interpretação deontica quanto a epistêmica se aplicam: você consegue ir por um dos caminhos e há a possibilidade que o faça.

O verbo *poder* foi explorado. Vejamos o *dever*. Se você PODE escolher um ou outro caminho, então, considere o dever deontico (leis, comandos, orientações): você DEVE ir por aqui ou por lá? Considere se há um comando, lei ou orientação que diz isso. Em suma, verifique se existe algum senso de DEVER na sua decisão.

Se você for bem fundo nessa questão, verá que, na verdade, se você PODE, então você não DEVE (no sentido de não haver nenhum dever). Ou: se você devesse escolher o caminho 1 ou o caminho 2, então não precisaria pensar no *poder* nem no *querer*, pois a escolha seria dada pela lei ou comando anterior ao seu dilema.

Resumindo: se há a possibilidade (verbo *poder*) de escolher um dentre mais caminhos, então talvez o verbo *dever* não precise ser aplicado, e você fica apenas com o verbo *querer*.

A terceira etapa então é avaliar a questão mais difícil de todos os tempos: qual caminho você QUER?

Na tomada de decisões, muitas vezes procuramos o caminho do *dever*. Se não o encontramos nas leis e nos comandos explícitos, buscamos nos padrões e comportamentos costumeiros. Muitas vezes, chamamos o caminho do *dever* de responsabilidade. Mas, se há escolha, então há o *poder*, e se há o *poder*, a atitude mais responsável que se pode ter é encontrar o verdadeiro *querer*.

Os modais e as vacinas

A obrigatoriedade da vacinação no Brasil se tornou uma polêmica. Em grande parte, a meu ver, por se confundir um direito com um dever. A lógica dos modais e o teste dos 3 verbos nos ajuda a esclarecer essa confusão, na medida em que retira a vacinação da ideia de DEVER e a coloca mais justamente em termos de PODER e, conseqüente, de QUERER (assim como todos os direitos). Quem não quereria fazer valer um direito que se tem?

Eu posso me vacinar – no sentido de ter o direito (além da gratuidade). E o melhor, o mundo possível em que isso ocorre é este mesmo em que estamos.

COMO CITAR

GODOY, L. A. G.. Poder, dever, querer e a arte de escolher. Revista Roseta, v. 5. n. 1, 2022. Abralín, 2022. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2022/04/05/poder-dever-querer-e-a-arte-de-escolher/> Acesso em: dia. mês. ano.